

Susana Oliveira Jorge
[Coordenadora]

RECINTOS MURADOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

Técnicas construtivas e organização do espaço.
Conservação, restauro e valorização patrimonial
de arquitecturas pré-históricas

Mesa-redonda Internacional

*Realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto
nos dias 15 e 16 de Maio de 2003*

PORTO-COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Laboratório de Conservação e Restauro
Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto
(Fundação para a Ciência e a Tecnologia)
2003

Coordenadora:

Susana Oliveira Jorge
Professora catedrática do DCTP da FLUP
E-mail: vojsoj@sapo.pt

Edição e Propriedade:

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP)
Laboratório de Conservação e Restauro
Via Panorâmica, s/n.
4150-564 Porto – Portugal
E-mail: dctp@letras.up.pt

e

Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP)
(Fundação para a Ciência e a Tecnologia)
Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
Instituto de Arqueologia
Rua de Sub-Ripas
3000 Coimbra
E-mail: ceaucp@ci.uc.pt

Composição, impressão e acabamento:

Litografia A.C.
Rua Conselheiro Lobato, 179
4705-089 Braga
E-mail: geral@litografiaac.pt

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal: n° 208508/04

ISBN: 972-9350-82-5

Capa: Foto aérea do Castelo Velho de Freixo de Numão (VOJ)

Dezembro de 2003

SUMÁRIO

<i>Preâmbulo</i> , por Susana Oliveira Jorge	5
<i>Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados de Península Ibérica</i> , por Susana Oliveira Jorge	13
<i>(Re)Construindo Castelo Velho: práticas digitais para uma realidade virtual</i> , por Gonçalo Velho	51
<i>A musealização do sítio de Castelo Velho (Resumo)</i> , por Alexandre Alves Costa...	67
<i>A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (V.ª N.ª de Foz Côa)</i> por Vítor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira & António Sá Coixão	79
<i>Crasto de Palheiros – Murça. Reflexão sobre as condições de estudo e de interpretação duma mega-arquitectura pré-histórica no Norte de Portugal</i> , por Maria de Jesus Sanches	115
<i>A propósito de recintos murados do 4º e 3º milénios AC: dinâmica e fixação do discurso arqueológico</i> , por António Carlos Valera	149
<i>Muralhas e derrubes. Observações sobre a fortificação calcolítica do Zambujal (Torres Vedras) e suas consequências para a interpretação estratigráfica. Um resumo</i> , por Michael Kunst	169
<i>Natureza e transformação. O Penedo do Lexim e outros casos do Calcolítico estremenho</i> , por Ana Catarina Sousa	177
<i>O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), no quadro da investigação, valorização e divulgação do património arqueológico nacional</i> , por João Luís Cardoso	199
<i>Arqueologia em Construção e o Complexo Arqueológico dos Perdígões</i> , por Miguel Lago	225
<i>Fosos y Fortificaciones entre el Guadiana y el Guadalquivir en el III milenio AC: evidencias del registro arqueológico</i> , por Víctor Hurtado	241

<i>Recintos Prehistóricos Atrincherados (RPA) en Andalucía (España): Una propuesta interpretativa</i> , por José Enrique Márquez Romero	269
<i>Visiones y revisiones de Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), por José C. Martín de la Cruz & Agustín M^a Lucena Martín</i>	285
<i>O povoado calcolítico de Alcalar (Portimão) na paisagem cultural do Alvor no III milénio antes da nossa era</i> , por Elena Morán & Rui Parreira	307
<i>Os recintos fortificados do Início da Idade do Bronze no Sul de Portugal: onde os encontrar?</i> , por Teresa Júdice Gamito	329
<i>Aspectos de la arquitectura de Fuente Álamo (Resumen), por Hermanfrid Schubart</i>	339
<i>Da investigação à cenografia. Construções de meta-realidades, por Luiz Oosterbeek</i>	349
<i>Enclosures, monuments and the ritualization of domestic life, por Richard Bradley</i>	355

A MUSEALIZAÇÃO DO SÍTIO DE CASTELO VELHO

(Resumo)

por

Alexandre Alves Costa^{*}

Palavras-chave: Arquitectura; património; Castelo Velho.

Key-words: Architecture; heritage; Castelo Velho.

Se para o renascimento, a arquitectura era a arte da reposição da Antiguidade reinventada, nas rupturas do Movimento Moderno a arquitectura passou a definir-se conceptualmente como construção *ex-novo*, universal e intemporal, a-histórica.

Os tempos da tardo-modernidade ou pos-modernidade se excluirmos as tendências, tão exploradas no plano da pura virtualidade formal e na negação do próprio território milenar da arquitectura do *utilitas, firmitas e venustas* vitruviano ou da sua definição mais elementar da transformação do útil em belo, dizia, se excluirmos essas tendências, a arquitectura define-se, hoje, como a arte de construir a transformação e nessa definição, a utilidade está implícita como sua função social fundadora.

Construir a transformação porque sabemos bem como, nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos.

Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade.

Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a sua transformação chama-se Arquitectura.

Do “silêncio”, à intervenção activa e transformadora do próprio edifício ou conjunto, a novidade é a consideração da história como matéria de um projecto de autor.

^{*} Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Esta comunicação foi apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 15 de Maio de 2003.

É, também, tomar uma posição corajosa de busca – inquietante, no aceitar que cada tema tem o seu carácter, a sua problemática específica, a sua expressão própria. Ao arquitecto de hoje só “um critério de experiência” é lícito; um critério que não recuse dado algum do real que, esse sim, existe, nunca como matéria a sujeitar a soluções apriorísticas e abstractas.

Mas então... e a musealização, essa espécie de arquitectura funerária?

A musealização não transforma, cristaliza o passado e ao arquitecto destina-se o papel de construção do mausoléu e o estabelecimento dos circuitos de visita que expliquem uma entidade sem vida cujo convívio com a nossa contemporaneidade nos parece útil para lhe explicar os fundamentos. É a Torre do Tombo dos vestígios materiais, é, essa mais do que todas, uma espécie de arquitectura do silêncio.

Sabemos que sendo assim, não é bem assim. Sabemos que todas as nossas acções e decisões sobre o real são gestos de contemporaneidade absoluta e, por isso, dependentes das interpretações globais que fazemos hoje ou das nossas próprias crenças subjectivas, quer dizer, consequência da leitura que temos do passado, da nossa vivência consciente do presente e dos nossos projectos pessoais para o futuro. Por isso musealizar é, também, neste sentido um acto de cultura contemporânea vivo.

Nem tampouco se deve dele inferir uma visão passadista da História e do património construído, entendidos aqui operativamente, na consideração de que a Arquitectura combina elementos transmitidos e, sendo um raciocínio sobre as funções do homem, este ficaria quase na sombra se não estivesse presente nas pedras dos monumentos que não podem ser considerados testemunhos complementares da sua história, mas substâncias essenciais, porque ele, homem, está todo ali.

Extrairemos, sim, da crónica dos factos antigos, como a que nos transmite a Susana, alimento ao desejo de aventura, amando o passado nas mitologias que depositou em certos lugares, na encruzilhada de certos caminhos e poderemos exclamar, dando um pontapé nos nostálgicos das épocas heróicas: o Cristóvão Colombo sou eu! Foi isto, e não é pouco, que nos serviu de estímulo para a nossa participação na musealização do sítio de Castelo Velho.

Não duvidamos que um verdadeiro projecto integrado de desenvolvimento passa por manter vivo e presente o passado visitável, o que não exclui a importância simbólica e mítica do monumento silencioso, cuja vitalidade será sempre um exercício de imaginação retrospectiva e, então, visitar o Mosteiro da Batalha, o Convento de Cristo, Santa Clara a Velha, a Torre de Belém ou o Castelo Velho que, nesse sentido, esperamos não ver convertidos em pousadas turísticas, onde a imaginação do visitante é substituída por circuitos funcionais climatizados e que, por isso, representam o fim da História que, afinal, todos desejamos que continue, com passado, presente e futuro.



Fig. 1 – Geografia (foto de V. O. Jorge).



Fig. 2 – Sítio (foto de V. O. Jorge).



Fig. 3 – Implantação (foto de V. O. Jorge).



Fig. 4 – Morfologia do monumento (foto de V. O. Jorge).

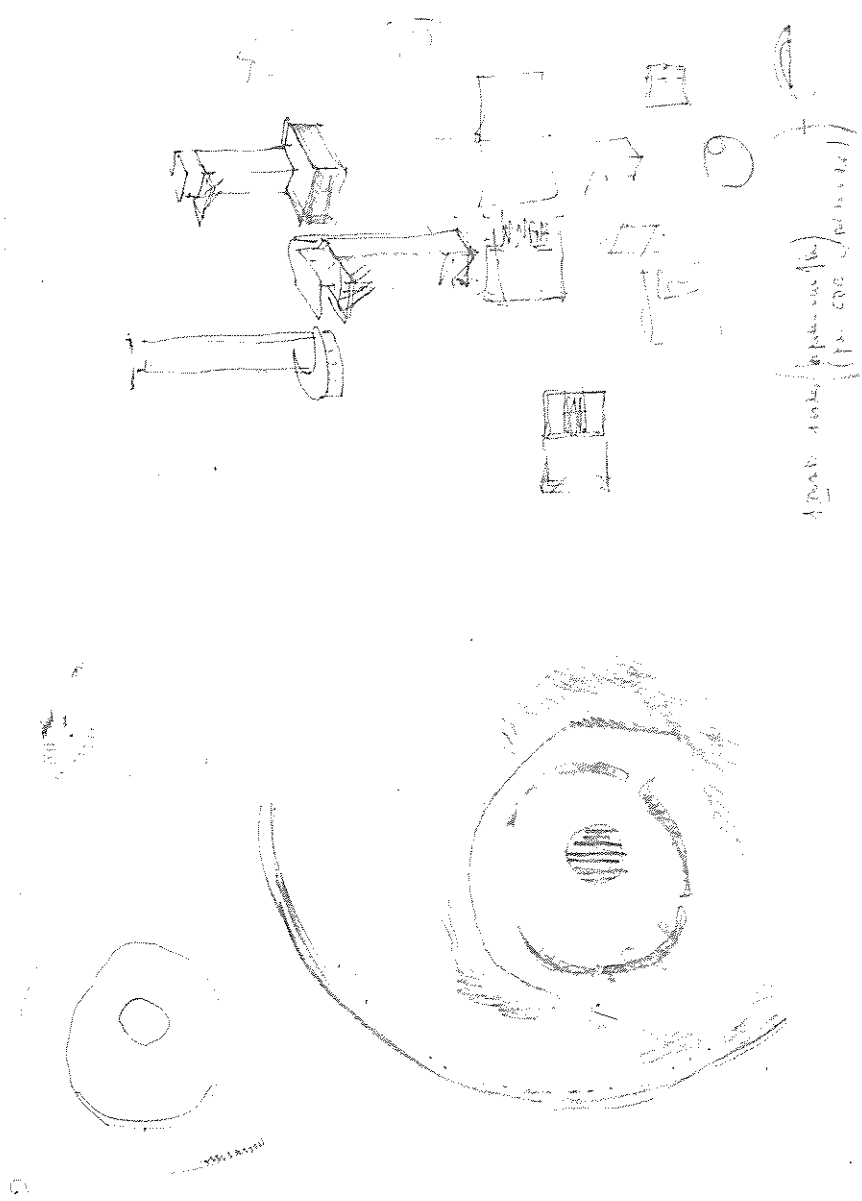
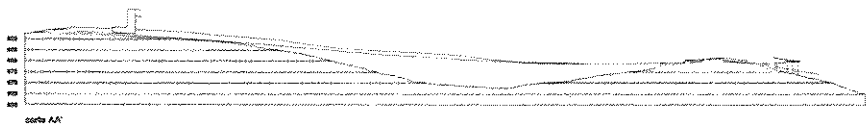


Fig. 6 - Atalaia.

Fig. 5 - Percursos de visita.



LEGENDA 1 - PERCURSO DE VISITA 2 - ESTACIONAMENTO 3 - ATENDIMENTO/SHELDERE 4 - PAINEL INFORMATIVO
5 - ÁREA DE PROTECÇÃO À ESTRUTURA ARQUEOLÓGICA 6 - PERCURSO SOBREELEVADO

MUSEALIZAÇÃO DE ESTRUTURA ARQUEOLÓGICA EM CASTELO VELHO DE FREIXO NUMÃO - V. N. FOZ COA

JANEIRO 1998

ESC. 1:2000

ANTE-PROJECTO

substituído

PLANTA E CORTE

substituído por

ATELIER 15, arquitectura, lda.

Fig. 7 – Ante-projecto – Planta geral.

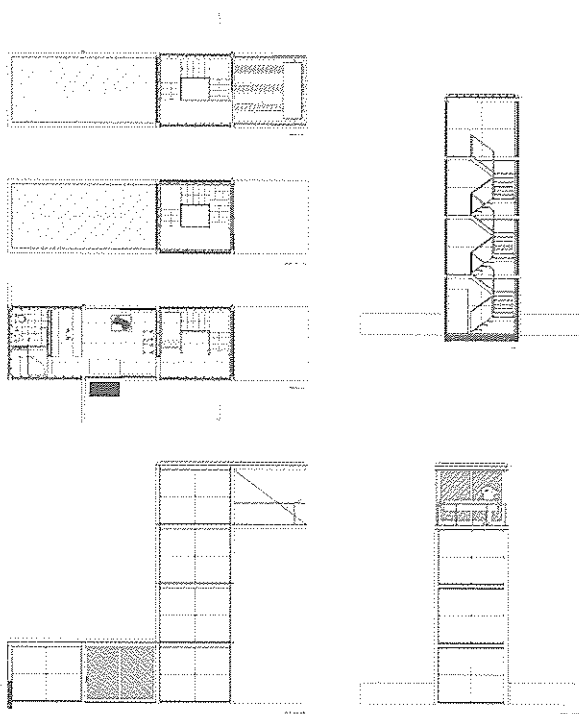


Fig. 8 – Ante-projecto da torre.



Fig. 9 – Terreno a repor (foto de V. O. Jorge).

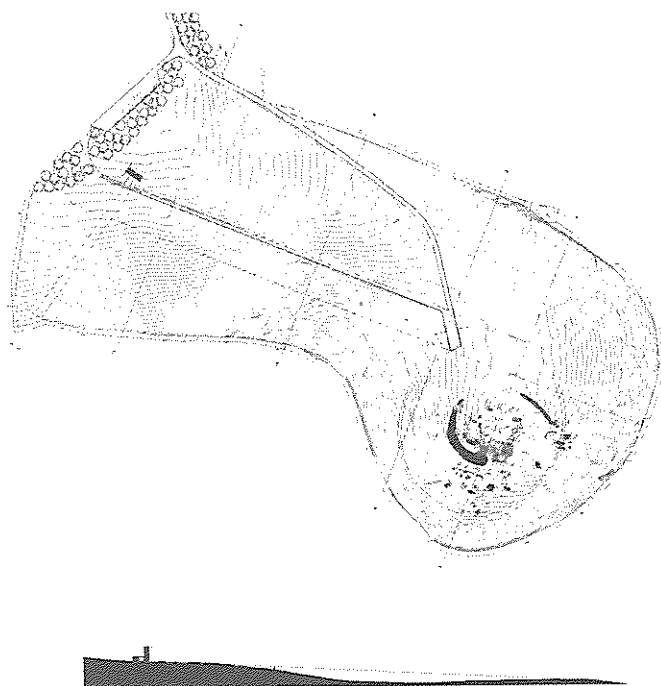


Fig. 10 - Planta geral.

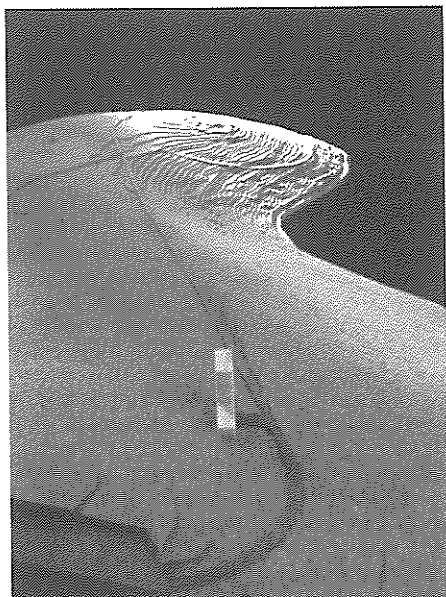


Fig. 11 - Maqueta.

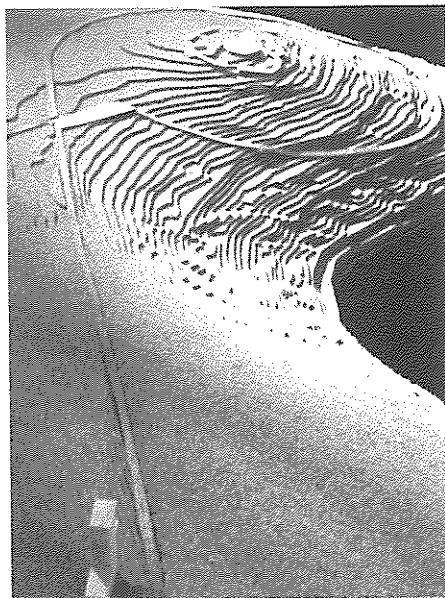


Fig. 12 - Maqueta

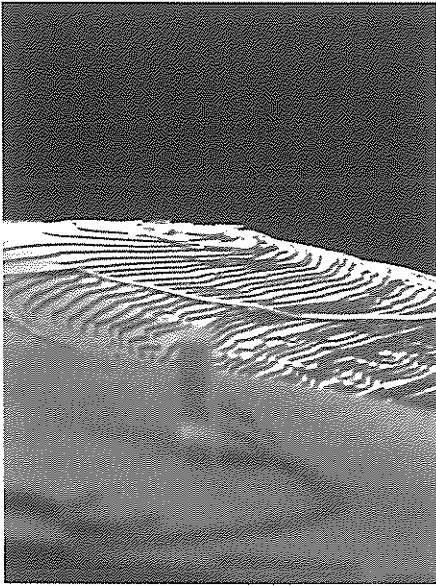


Fig. 13 – Maqueta.

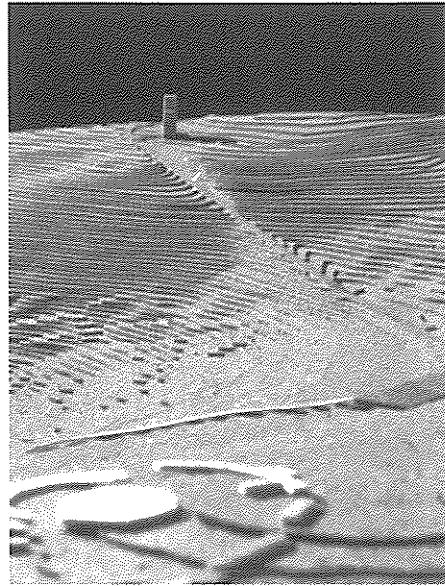


Fig. 14 – Maqueta

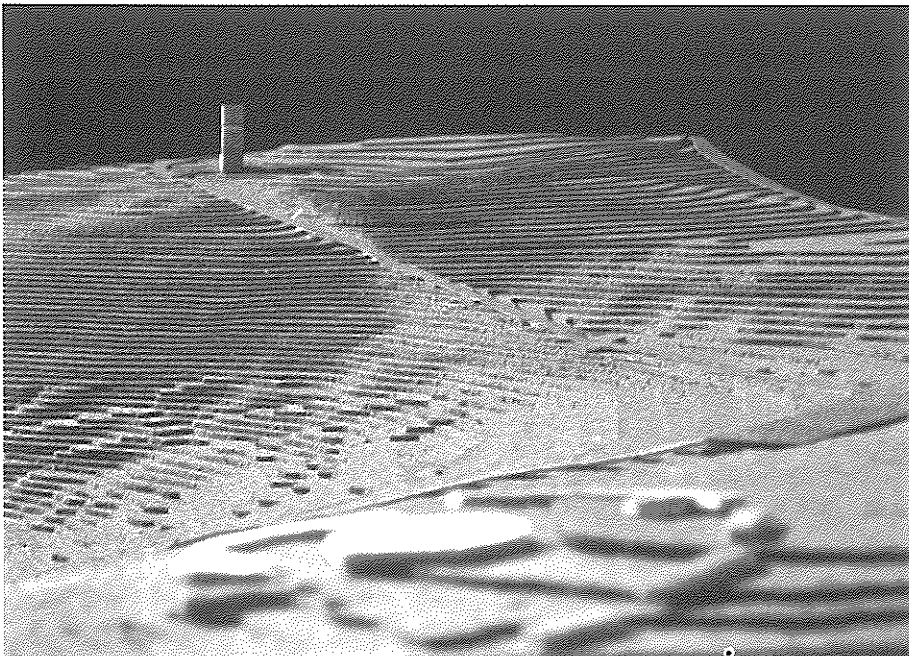


Fig. 15 – Maqueta.

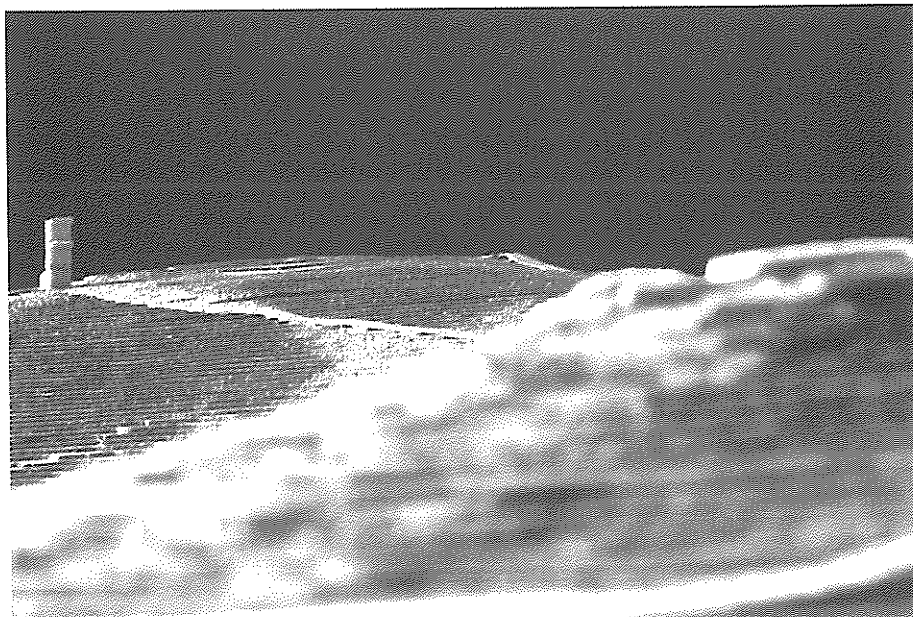


Fig. 16 – Maqueta.

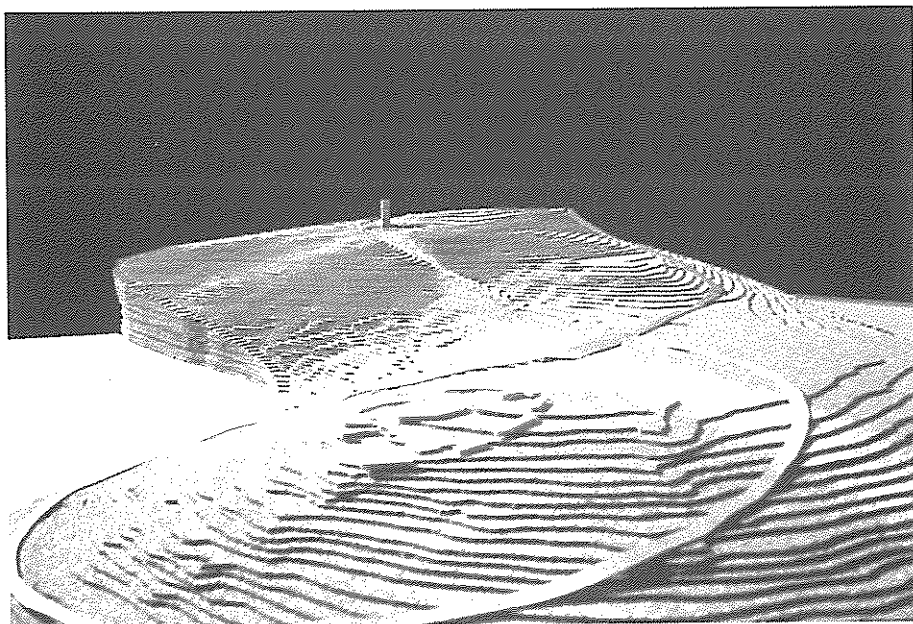


Fig. 17 – Maqueta.



Fig. 18 – Castelo Velho (foto de V. O. Jorge).

Castelo Velho
de Freixo de Numão

Reunir com Freixo Numão
Dr. Calado
João Olin
Dia 24/9/02

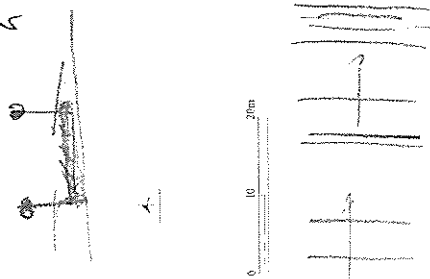


Fig. 19 – Circuito da visita, estudos.